

O PAPEL DA PERIFERIA NA ATUAL TRANSIÇÃO PARA UMA NOVA FASE DO CAPITALISMO.

QUESTÕES INTRODUTÓRIAS NAS MUDANÇAS DA DIVISÃO CENTRO-PERIFERIA^{1, 2}

| *Leonardo Costa Ribeiro*³ e *Eduardo da Motta e Albuquerque*⁴

Introdução

Os trabalhos de Celso Furtado sobre o subdesenvolvimento como um fenômeno estrutural do capitalismo global, originado no impacto mundial da revolução industrial britânica, são uma importante contribuição para o entendimento da dinâmica do sistema como um todo (FURTADO, 1978). Eles são uma das grandes contribuições de Furtado ao pensamento econômico.⁵

Enquanto Celso Furtado desenvolveu a sua interpretação sobre o subdesenvolvimento, as implicações políticas para os países da periferia foram elaboradas em políticas específicas para o desenvolvimento (ver FURTADO, 1968 e 1987). Portanto, Celso Furtado pode ser interpretado como um teórico do processo de *catch up*, que é o processo de superação do subdesenvolvimento. Como tal, é possível localizá-lo na história do pensamento econômico como um investigador da terceira geração do desenvolvimento e *catch up*: List ([1841] 1983) estaria na primeira geração e Preobrajensky ([1926] 1979), na segunda.

A posição de Furtado neste importante tópico da história do pensamento econômico por si só ajuda o tema deste trabalho — para identificar mudanças no capitalismo global e o papel (e definição) de sua periferia. List ([1841] 1983), um pensador conservador, pode ser visto como típico de uma primeira fase em que a emulação da revolução industrial britânica foi o ponto de partida para processos de industrialização de países europeus, como França e Alemanha.⁶ Sob a dinâmica da Revolução Russa, Preobrajensky ([1926] 1979) é exemplo de uma elaboração da segunda geração, quando a reflexão sobre *catch up* teve lugar em um mundo onde a liderança tecnológica estava se voltando para os Estados Unidos e a lacuna entre o líder e o país atrasado era maior, as tarefas mais complexas e a mobilização política mais ampla.⁷ Um reformista, Celso Furtado (1987) aprendeu

com as experiências anteriores (Alemanha, Japão, Rússia) e escreveu durante uma nova fase de desenvolvimento capitalista, com novos desafios tecnológicos e políticos, em um mundo pós-guerra sob uma hegemonia clara dos Estados Unidos. Nesta fase, com uma periferia cada vez mais descolonizada, os países ainda mais atrasados estavam tentando alcançá-los, ou pelo menos reduzir as diferenças *vis-à-vis* os países mais desenvolvidos — desafios maiores. Portanto, a elaboração de Celso Furtado — e os diferentes desafios e pontos de vista em relação à List e Preobrajensky — mostra três mudanças profundas: em primeiro lugar, a ascensão e queda dos países líderes e as diferentes fases do capitalismo em que se realizaram; em segundo lugar, as tarefas, políticas e ferramentas para alcançar as mudanças, ao longo do tempo, da Europa para as regiões menos desenvolvidas do mundo; terceiro, os desafios econômicos e políticos nos países atrasados se tornam mais complexos. Celso Furtado tinha um ponto de vista muito privilegiado para compreender essas mudanças, e ele contribuiu para a nossa compreensão da natureza dinâmica do capitalismo global. Primeiro, Furtado (1978, p. 21) discute a transição de uma fase do capitalismo (“mercado atomizado”) para outra (“capitalismo organizado”). Em segundo lugar, Furtado (*Ibid*, capítulo 1) avalia uma nova fase, com o surgimento das corporações transnacionais e seu impacto no “espaço e poder” de uma economia globalizada — a “transnacionalização da produção introduz alterações importantes” no quadro econômico anterior (*Ibid*, p. 29). Em terceiro lugar, 35 anos depois, Furtado (2002) identifica um novo nível no processo de globalização que desafia “sistemas nacionais” e que leva a uma crescente “interdependência entre os sistemas econômicos”. Nesta análise, Furtado apresenta um conceito que é essencial para a compreensão de um sistema econômico dinâmico e flexível: “metamorfoses do capitalismo”, que de forma permanente e persistente redefine os desafios para o desenvolvimento e a natureza da periferia, uma vez que a divisão internacional do trabalho é um componente-chave da divisão centro-periferia. Nesse novo “quadro histórico”, Furtado identifica uma mudança fundamental: a “exclusão social” torna-se o principal problema em “sociedades de pobres e ricos”, porque “a organização do processo de produção a nível mundial conduz necessariamente a uma enorme concentração de renda” (*Ibid*, p. 6).

Essas contribuições de Celso Furtado definem o ponto de partida e o objetivo deste trabalho: uma investigação introdutória sobre as mudanças atuais do capitalismo global, levando a periferia em consideração. Esta investigação está organizada em três perguntas: primeiro, quais são as metamorfoses atuais no centro? Em segundo lugar, quais são as alterações na periferia? E terceiro, como essas mudanças afetam a relação centro-periferia? Cada questão é tratada em uma seção, e a última seção integra os temas para discutir as mudanças na divisão centro-periferia — um tema importante nas atuais metamorfoses do capitalismo.

1. Uma versão preliminar deste capítulo foi apresentada na Conferência “Atualidade do pensamento de Celso Furtado” (Unicamp, 26 de novembro de 2014). Os autores agradecem ao professor André Furtado e ao Comitê Organizador por esse convite, e agradecem aos participantes por críticas à apresentação.

2. Os autores agradecem ao CNPq (Processo n. 459627/2014-7) e à Capes (BEX 1669/14-1) e o apoio da bolsista de iniciação científica Giulia Tonon da Mata Machado na preparação da versão final deste trabalho. Esta versão se beneficiou dos comentários, sugestões e críticas do professor Alex Callinicos (King’s College, Londres) a um rascunho. Os erros são responsabilidade dos autores.

3. Inmetro-RJ.

4. Cedeplar-UFMG.

5. Excelentes avaliações das contribuições de Celso Furtado estão disponíveis para o leitor interessado. Hoje essa literatura merece uma revisão cuidadosa, dado o seu tamanho e abrangência. Um exemplo dessa longa e excelente lista é Szmrecsányi (2005).

6. List e sua obra contribuíram para a construção do que Gerschenkron (1952) identifica como “ambiente intelectual” para o processo de *catch up*.

7. Considerando que o *catch up* japonês entre 1868 e 1905 pode ser uma das fontes da dinâmica revolucionária dentro da Rússia, o trabalho de Preobrajensky certamente é influenciado por um novo cenário que é consequência da rápida industrialização japonesa: a vitória japonesa na guerra de 1905 não teria sido possível sem a Revolução Meiji como base (SKOCPOL, 1979).

1. Transição para uma nova fase?

Metamorfoses do capitalismo (FURTADO, 2002) mostra a flexibilidade a longo prazo do sistema capitalista como um todo. Do ponto de vista deste trabalho, a elaboração de Furtado pode ser integrada teoricamente a outras abordagens, para entender essa flexibilidade sistêmica de longo prazo.⁸ Tal flexibilidade pode ser entendida através da lente de uma luta aberta e duradoura entre os fatores indutores e neutralizadores que moldam os altos e baixos da taxa de lucro (MARX, 1894, Parte III). A dinâmica de longo prazo do capitalismo tem sido investigada por acadêmicos com foco na dimensão tecnológica — ondas longas do desenvolvimento capitalista (SCHUMPETER, [1939] 1989); FREEMAN & LOUÇÃ, 2001) —, no dinheiro e poder — ciclos sistêmicos de acumulação (ARRIGHI, [1994] 1996) — e na instabilidade financeira — “episódios de instabilidade financeira grave” que muitas vezes provocam “mudanças institucionais” (MINSKY, [1986] 2008, p. 45).⁹ Essas investigações mostram o capitalismo como um sistema que tem se reformulado ao longo do tempo. Em conjunção, essas abordagens realçam o papel das crises ao longo desse processo de elaboração e reformulação de todo o sistema. Entretanto, este processo não é simples: compatibilidades e incompatibilidades institucionais são parte do processo, e os principais componentes dos conflitos que antecipam mudanças institucionais são Estado (JESSOP, 2002) e a divisão global entre o núcleo capitalista e sua periferia (FURTADO, 1978, 2002).

Essas obras fornecem o contexto histórico e teórico para examinar o papel das crises nas metamorfoses do capitalismo — crises podem ser vistas como pontos indutores da transição entre as fases do capitalismo. Essas reflexões sugerem dois pontos. Em primeiro lugar, as crises são momentos para ajuste no capitalismo e são parte da dinâmica capitalista, uma vez que descompassos institucionais fazem parte da dinâmica capitalista — inadequações que crescem fora de sua dinâmica tecnológica, fonte de desenvolvimento desigual com outras dimensões do sistema, tais como finanças, Estado e arranjos geopolíticos, as crises são o ápice desses descompassos. Esses momentos de elevado desajustes induzem ferramentas que alteram a lógica do sistema com o intuito de superar (ao menos provisoriamente) tais descompassos.

Em segundo lugar, crises desencadeiam respostas institucionais. No início — durante e após o pânico inicial — existem operações de salvamento. Mesmo estas operações de salvamento já desencadeiam mudanças no sistema — alterações acidentais ou não planejadas. Ao longo do tempo, às vezes como consequência de limitações das operações de resgate iniciais, outras vezes como consequência de aprendizagem institucional e política, as reformas estruturais podem ser introduzidas, lidando com inadequações institucionais anteriores. Essas respostas institucionais

8. Foi realizado um esforço para integrar essas abordagens a fim de investigar as metamorfoses do capitalismo em trabalho anterior (ALBUQUERQUE, 2012).

9. Essas abordagens sugerem que o capitalismo, após a Revolução Industrial britânica, passou por diferentes fases: cinco, de acordo com a abordagem de ondas longas (FREEMAN e LOUÇÃ, 2001); duas, de acordo com a abordagem dos ciclos sistêmicos de acumulação (ARRIGHI, [1994] 1996); três, de acordo com a interpretação do imperialismo e suas eras (CALLINICOS, 2009). Minsky ([1986] 2008) foca na transição do capitalismo de antes da crise de 1929 e sua reorganização pós-crise. Para outras periodizações do capitalismo e outras elaborações sobre o papel das crises nessas fases, veja Albritton (2001).

combinadas — parte não prevista e não intencionais, parte não planejadas e parte politicamente projetado — remodelam o capitalismo: uma nova fase surge. Essas mudanças envolvem tanto o surgimento de novas “variedades de capitalismo” e amplos movimentos geográficos do capital — portanto, a decadência econômica de um país ou região, até mesmo de um país líder, pode não ser um colapso do sistema, pelo contrário, pode ser uma expressão da flexibilidade capitalista. O ponto de partida para investigar uma possível transição para uma nova fase é a crise de 2007-2008 e a consequente operação de resgate para contê-la. Esta operação de resgate impactou o capitalismo contemporâneo, com consequências inesperadas que podem ter moldado características da fase seguinte: 1) o crescimento do tamanho dos Estados (medidos pelos gastos públicos) com um novo nível de interação entre Estados e mercados correspondente; 2) aceleração da ascensão da Ásia Oriental; 3) um aumento persistente do nível de internacionalização do capital¹⁰ — esta transformação estrutural já tinha sido destacada por Furtado (1978, 2002); 4) perturbações do *status quo* anterior e novos problemas geopolíticos decorrentes da ascensão da Ásia Oriental e do nível de internacionalização do capital (KISSINGER, 2014).

No entanto, não parece haver reformas estruturais na agenda pós-crise. O cenário internacional — com o descasamento entre internacionalização do capital e governança internacional — pode ser ainda um fator de bloqueio para a elaboração, coordenação e implementação de reformas. A conjuntura atual também pode ser o início de um processo de aprendizagem das elites globais para dar forma a essa nova agenda.

Todavia, esse buraco na sequência lógica — crise, operações de resgate, reformas estruturais, nova fase — não bloqueia outros (não previstos) passos que vão além da última variedade de capitalismo observada. É claro que não é possível um retorno a soluções baseadas em apenas um (mesmo sendo o novo líder) Estado Nacional. A razão para isso é o nível de internacionalização já alcançado — interdependência não dá um passo para trás.

O resultado final desta análise preliminar é que, por um lado a dinâmica inerente do capital e as consequências não intencionais das operações de resgate pós-crise estão moldando elementos de uma nova fase, mas, por outro lado, não há elementos planejados e intencionais — semelhante ao *New Deal* em 1929, pós-crise —, há a falta de reformas estruturais. Ao longo do tempo esse é um elemento-chave que pode mudar, seja por um processo de aprendizagem institucional, seja como reação a novos surtos de crises econômicas e políticas. A conjuntura resultante provavelmente é melhor definida pelo conceito de “turbulência sistêmica” de Arrighi — um período que pode ser longo, quando essa transição ocorre (lembre-se que a última transição levou 75 anos para concluir:

10. Jessop (2010, p. 68) descreve essa nova questão ao identificar o momento “em que o mercado mundial se tornou suficientemente unificado que foi tanto possível quanto necessário escrever uma história do capitalismo mundial, em vez de focar na dinâmica de diversos espaços mais ou menos autônomos distribuídos pelo mundo”.

1870-1945). Esse autor propõe um novo problema: quais são as especificidades dessa “transição sistêmica” atual? Pelo menos quatro características específicas podem ser identificadas. Em primeiro lugar, dado o nível de internacionalização da economia, a sequência dos principais Estados-nação de Arrighi pode ter acabado. A próxima hegemonia pode ser, pelo menos, uma coordenação de Estados-nação, não uma única, e sim uma hegemonia mais globalizada — esta poderia ser uma maneira de resolver o descompasso entre a internacionalização da economia e da falta de governança internacional. Em segundo lugar, os progressos tecnológicos recentes, combinados com a internacionalização do capital e do seu poder de moldar uma nova divisão internacional do trabalho, pode dar lugar a uma nova possibilidade de transição sistêmica, quebrando a sequência clássica de Arrighi. Com a intensificação da “aplicação tecnológica da ciência” poderia se pensar em uma divisão entre um país que é “oficina do mundo” e outro que é “laboratório do mundo” —, portanto, a sequência não seria apenas entre uma “oficina do mundo” e “banco do mundo”, como em transições anteriores. O processo de reposicionamento de trabalho, agora com a sua polarização entre trabalho intelectual e trabalho manual, em escala global, pode abrir espaço para os EUA, Europa e Japão preservarem a sua posição como “laboratório do mundo”, e como “oficina do mundo” fica o leste da Ásia. Certamente um caminho mais complexo, mas um exemplo de novas possibilidades para essa transição. Em terceiro lugar, a economia capitalista global é mais heterogênea hoje, na medida em que o fim da URSS e a ascensão da China capitalista determinam o surgimento de mais variedades de capitalismo (KING *et al.*, 2005). Em quarto lugar, esse aumento da heterogeneidade envolve uma periferia mais intradiferenciada que, por exemplo, é sede de um número crescente de empresas globais (SILVA, 2014), processo que já pode estar influenciando a reconfiguração do capitalismo — um “efeito bumerangue” pode estar ocorrendo agora (MARQUES, 2014) — este é o tema das próximas duas seções.

Essas especificidades da atual “turbulência sistêmica” indicam a necessidade de mais pesquisas — e os limites de analogias com transições passadas para a compreensão do capitalismo contemporâneo.

Finalmente, a internacionalização do capital como um “fator dominante”, na transição atual, apresenta uma mudança importante no quadro em que tem lugar a luta entre as tendências e contra tendências à queda da taxa de lucro. Agora, como o capitalismo envolve todo o mundo — a periferia é capitalista, não mais um mundo com um monte de áreas não capitalistas, como durante a vida de Rosa Luxemburgo —, há menos espaço para a fuga de capitais para áreas onde a concorrência pode ser menos intensa.

2. Mudanças de longo prazo dentro da periferia

Existem dinâmicas de longo prazo na periferia, relacionadas com metamorfoses do capitalismo e com a dinâmica interna dos países periféricos.

Na primeira fase — e primeira estrutura de mercado internacional, para usar a periodização de Mandel ([1972] 1982, Capítulo 1), ou na primeira era do imperialismo, para usar a periodização de Alex Callinicos (2009, Capítulo 3) — a divisão era simples: de um lado, havia países industrializados no centro, por outro lado havia países com recursos agrícolas e naturais na periferia. Trata-se de uma fase de expansão do capitalismo para além da Europa e América do Norte, através da inclusão persistente de regiões não capitalistas (LUXEMBURGO, [1912] 1976). Bukharin ([1917] 1986, capítulo 1), que parece ser o primeiro a usar o termo “periferia” nesse contexto, descreve essa estrutura: “Segue-se que o capitalismo mundial, o sistema mundial de produção, assume nos nossos tempos o seguinte aspecto: alguns corpos econômicos consolidados e organizados (‘as grandes potências civilizadas’) por um lado, e uma periferia de países subdesenvolvidos com um sistema agrário ou semiagrário por outro lado”. A natureza dos investimentos diretos no estrangeiro, principalmente dirigida a países periféricos, era do tipo *resource-seeking* (DUNNING, 1994). É claro que a periferia não era completamente homogênea, com a primeira onda de expansão do capital atingindo países e regiões em níveis muito diferentes de desenvolvimento anterior — uma comparação entre o Norte da África, Oriente Médio, Índia, China, África do Sul e a América Latina fornece uma boa referência¹¹ — e diferentes ligações com o centro capitalista — colônias formais e informais, países independentes. A divisão internacional do trabalho também foi baseada na divisão entre a indústria (basicamente no centro), agricultura e recursos naturais (como principais produtos da periferia) (DARWIN, 2007, p. 189-190).

Na segunda fase, a periferia tornou-se mais heterogênea, com o alcance de um certo nível de industrialização. O subdesenvolvimento é afetado por mudanças no centro, como uma modernização-marginalização persistente, e com uma mudança de polaridade, que se tornou uma característica desse fenômeno estrutural. Esse processo pode ser relacionado com o que Trotsky ([1930] 1978) anteriormente, discutindo a Rússia czarista, identificou como o “processo de desenvolvimento desigual e combinado”.

Cada revolução tecnológica que teve lugar no centro (FREEMAN; LOUÇÃ, 2001) reformulou o panorama econômico e industrial na periferia, com uma nova dinâmica de avanço e declínio de setores que redefiniram economias periféricas. Neste processo, a natureza e o grau de industrialização alcançados eram,

11. J. Darwin (2007, capítulo 3) descreve o que ele chama de “o recente equilíbrio moderno” — a economia global antes da Revolução Industrial britânica. Nesta fase, “o prestígio de manufaturas indianas e chinesas no Oeste estava em seu auge” (*Ibid.*, p. 105).

em si, fontes de diferenciação dentro da periferia: uma diferenciação entre o resto e o resíduo de acordo com a Alice Amsden (2001). Furtado sugere uma diferenciação entre os níveis de subdesenvolvimento, com uma categoria de “países subdesenvolvidos de alto nível”: países como a Índia, México e Brasil, por exemplo, que foram capazes de internalizar parte da indústria de bens de capital entre os anos 1950 e os anos 1980 (FURTADO, 1986). Nesta fase, a heterogeneidade era tão ampla, que dois países — Coreia do Sul e Taiwan — foram capazes de superar o subdesenvolvimento, de acordo com Celso Furtado (1992).

Durante essa fase, os países da África (África do Sul, Egito), da Ásia (Índia, China, Coreia do Sul, Taiwan) e da América Latina (México, Argentina, Brasil) construíram pelo menos uma parte das disposições institucionais dos sistemas nacionais de inovação (FREEMAN, 1995). Na medida em que os países periféricos começaram a desenvolver as capacidades de absorção para lidar com as revoluções tecnológicas que emanam do centro e de juntar-se aos fluxos internacionais de ciência e tecnologia, os sistemas de inovação na periferia foram responsáveis por uma nova etapa na dinâmica centro-periferia. Essas novas capacidades científicas e tecnológicas (uma nova fonte de heterogeneidade dentro dos países periféricos), agora localizadas em alguns países — mas não em todos os países da periferia —, com seus impactos sobre a criação de universidades e outras instituições de ensino superior, influenciam novas mudanças na divisão internacional do trabalho. É importante destacar que nestas mudanças parte da iniciativa foi na periferia. Tais mudanças estão relacionadas com outros fenômenos novos — o surgimento não só de redes globais de produção com conexões na periferia, mas também de redes de inovação mundial, com atividades de P&D na periferia (UNCTAD, 2006; ERNST, 2006).

Esse processo de industrialização limitado da periferia é longo, uma vez que os esforços de industrialização dessas economias podem ser identificados desde o final do século XIX. O resultado final desse processo foi o surgimento de novas variedades de capitalismo — um tipo de capitalismo não muito discutido na literatura. Por exemplo, Coates (2000) discute apenas os países desenvolvidos, o centro. As especificidades da dinâmica capitalista na periferia é mais uma contribuição teórica importante de Celso Furtado (1978): o subdesenvolvimento, a polaridade modernização-marginalização, um padrão específico de concentração de renda, a falta de progresso tecnológico endógeno, a fraqueza das indústrias de bens de capital mesmo nos países periféricos mais industrializados e as ligações institucionais e de poder com o centro (dependência como uma característica estrutural) — um “acesso indireto” para a civilização industrial (*Ibid*, p. 46).

O impacto da revolução industrial britânica e as revoluções tecnológicas posteriores sobre a periferia não poderia ser homogêneo, em consequência da diversidade inicial de níveis de desenvolvimento econômico e político. A maneira que esses choques tecnológicos foram recebidos e absorvidos por essas sociedades existentes — as “leis” de “desenvolvimento desigual e combinado” — poderia produzir mais heterogeneidade na periferia: novas “variedades de capitalismo”.

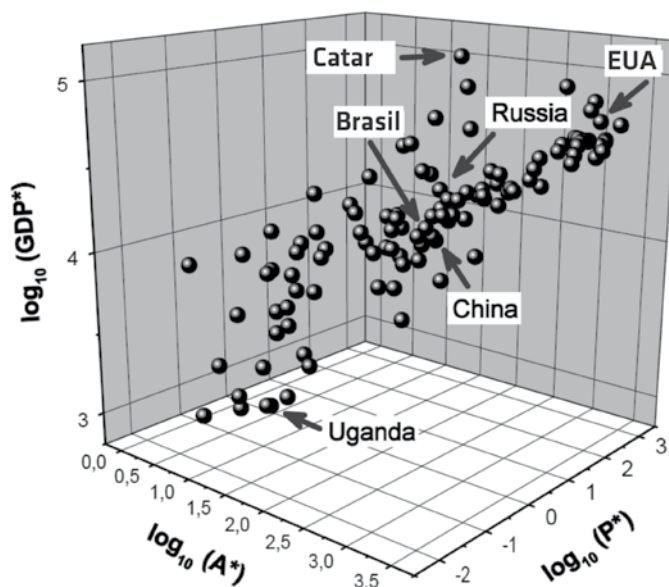
A natureza da industrialização durante o período do pós-guerra fez mostrar essas diferenças. Pelo menos cinco tipos diferentes de capitalismo podem ser indicados na periferia. Em primeiro lugar, a Índia (DRÈZE; SEN, 2002) — um país onde a polaridade modernização-marginalização é extrema, uma vez que tem empresas sofisticadas e importantes em setores como química, farmacêutica, automóvel, *software*, e boas ligações com instituições científicas no centro. Entretanto, ainda possui uma grande população pobre. Em um período mais recente, a Índia — em contraste com a China — tem melhorado seu setor de serviços, em setores sofisticados, como o de *softwares*. Em segundo lugar, os países do Leste Asiático (AMSDEN, 1989; WADE, 1990) — um padrão de industrialização influenciado pelo duplo *catch up* japonês: processo de exportação dinâmico liderado pelo Estado, com inserção ativa na divisão internacional do trabalho, incluindo o desenvolvimento de sistemas de inovação fortes o suficiente para suportar a entrada em indústrias de alta tecnologia — essa trajetória foi capaz de superar o subdesenvolvimento em dois pequenos países (Coreia do Sul e Taiwan) e parece ser difícil de reproduzir. Em terceiro lugar, China (NAUGHTON, 2007), como um novo tipo de capitalismo dirigido pelo Estado, capaz de combinar o tamanho de seus mercados internos, investimentos anteriores em educação e saúde, e algumas das lições do Japão, Coreia do Sul e Taiwan para se tornar a oficina do mundo. Em quarto lugar, países ricos em matéria-prima, como a África do Sul, e países ricos em petróleo, como os países do Golfo — duas trajetórias diferentes. Um é a África do Sul (FINE *et al.*, 1996), como uma economia controlada por um complexo mineral-industrial capaz de, a partir deste, construir um sistema financeiro sofisticado que a conecta aos principais centros financeiros e a outros países africanos. Outro é o Oriente Médio e Norte da África (MENA), onde a natureza e a estrutura de domínio das reservas de petróleo estabelecem uma ligação muito específica com as principais economias e dão forma a uma variedade específica de capitalismo — uma variedade de “capitalismo patrimonial” (ACHCAR, 2013, p. 67-68). Em quinto lugar, uma variedade latino-americana do capitalismo nasce de uma dinâmica específica que começou com a exploração colonial dos recursos naturais, passou para a produção local de produtos agrícolas aos mercados europeus e alcançou a fase de substituição de importações (FURTADO, 1970). No entanto, em contraste com o tipo japonês de estratégia (OHKAWA; KOHAMA, 1989), a industrialização latino-americana não foi capaz de

implementar políticas industriais de longo prazo e flexíveis o suficiente para entrar em fases de substituição de exportações e substituição de importações secundárias.

Esse breve resumo de um mosaico de variedades periféricas do capitalismo destaca como a heterogeneidade da periferia tem aumentado ao longo do tempo — por razões diferentes. Este mosaico de variedades do capitalismo na periferia, no entanto, foi construído sob a influência do Império Britânico até a Primeira Guerra Mundial (FERGUSON, 2003) e sob a liderança de Estados Unidos durante o século XX (PANITCH; GINDIN, 2012) — portanto, pode haver uma hierarquia entre essas variedades de capitalismo da periferia e as outras do centro.

Como pode essa crescente diferenciação e heterogeneidade ser empiricamente ilustrada? A partir de trabalhos anteriores, uma sistematização de dados sobre a riqueza das nações, ciência e tecnologia se encontra disponível (RIBEIRO *et al.*, 2006). PIB *per capita*, patentes e artigos científicos indexados são indicadores que ajudam a obter uma noção de diferentes países. A correlação entre a capacidade tecnológica de cada país e sua riqueza é um ponto que tem uma interpretação semelhante de Celso Furtado e de neoschumpeterianos (ALBUQUERQUE, 2007).

Gráfico 1. Riqueza das nações, produção científica e tecnológica (2012)

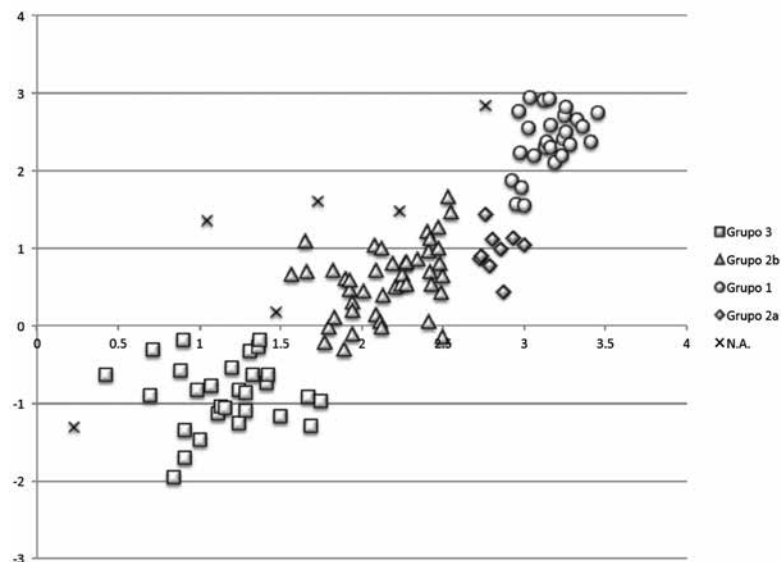


Fonte: Banco Mundial, USPTO e ISI. Elaboração própria.

O Gráfico 1 mostra a correlação entre essas três dimensões. Este gráfico pode ser interpretado como um indício de que os países que têm capacidades tecnológicas suficientes — que endogeneizaram suas dinâmicas tecnológicas — geraram riqueza que os posicionaram como países ricos. Certamente existem retornos positivos que operam entre riqueza e ciência e tecnologia — uma característica do desenvolvimento. O Gráfico 1 mostra que existem exceções nessa relação, como o caso de um dos países mais ricos da MENA mostra: Catar tem um alto PIB *per capita* (superior aos EUA), mas uma produção relativamente fraca de C&T para tal nível de riqueza (inferior aos EUA e em torno do mesmo nível de Brasil e China). Como discutido anteriormente, esses países têm a sua riqueza dependente de suas reservas de petróleo e da forma como eles são integrados na economia global para exploração desses recursos e uso da acumulação financeira gerada pela venda dos mesmos. (ACHCAR, 2013).

A heterogeneidade da periferia em 2012 é mostrada no Gráfico 2 (eixo x-y do Gráfico 1). Os dados sobre patentes e artigos científicos identificam três grupos (e dois subgrupos): um deles pode ser classificado como o centro (grupo 3) e os outros dois como a periferia (grupos 1 e 2). A dispersão dos países entre os grupos 1 e 2 mostra quão heterogênea a periferia se tornou — um resultado das metamorfoses do capitalismo.

Gráfico 2. Divisão de países em três grupos principais (“regimes de interação”): Centro (grupo 3) e periferia (grupos 1, 2A e 2B) (2012)



Fonte: USPTO e ISI. Elaboração própria.

O Gráfico 3 destaca o crescimento dessa heterogeneidade da periferia (dados para 1974 e 2012), organizando figuras que incluem as trajetórias dos países selecionados de diferentes regiões. Heterogeneidade em si, interna às localidades, é uma variável para comparar diferentes regiões. Este gráfico também introduz limiares móveis entre esses grupos de países. Os limiares do lado direito do gráfico (um para 1974 e outro para 2012) podem descrever a divisão centro-periferia: a divisa científica e tecnológica.¹² Embora seja uma divisão muito importante, é apenas uma dimensão de um fenômeno multidimensional como a divisão de centro-periferia.

A América Latina, por exemplo, parece ser uma região mais homogênea, visto que a gama de países selecionados é mais concentrada — sem um *catch up* bem sucedido, mas quase todos os países selecionados estão no segundo grupo de países (nível intermediário).¹³ A Ásia é a região mais heterogênea, já que inclui países que foram capazes de recuperar o atraso (de ir além do limiar do terceiro grupo, os países desenvolvidos) e outros que estão na extremidade inferior do grupo intermediário — e em 1974 houve países no grupo 1 (Coreia do Sul, entre eles).

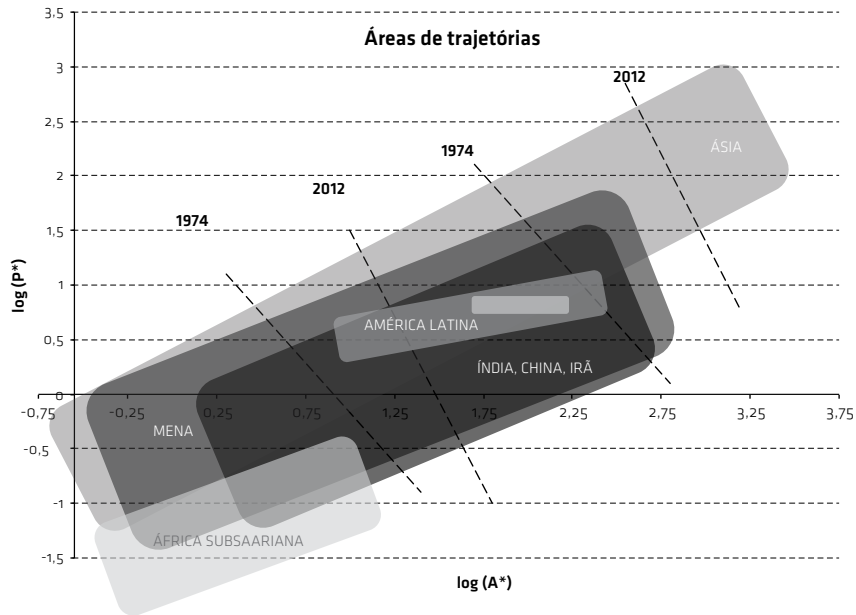
A região do Oriente Médio e Norte da África (MENA) também é muito heterogênea, mas nenhum país se juntou ao terceiro grupo — entretanto há países como Catar e Kuwait que têm um PIB *per capita* semelhante ao dos países desenvolvidos. O Gráfico 3 mostra quão desconectada, nesses casos, é a riqueza das nações e a sua capacidade de C&T. A África Subsaariana também é heterogênea, já que inclui países do primeiro grupo e a África do Sul no segundo grupo — como Brasil, Índia, China e Irã.

12. Para uma explicação dos limiares, trajetórias dos países e das ferramentas utilizadas para preparação desses gráficos, ver Ribeiro *et al* (2006). As reflexões nessas diferentes trajetórias começaram em um trabalho anterior (KRUSS *et al*, a ser publicado), com uma comparação entre a África Subsaariana, Ásia e América Latina — daqui em diante essa sessão segue nessa linha de análise.

13. Suzigan (2001) apresenta uma avaliação do processo de industrialização brasileiro, os sucessos e fracassos da industrialização por substituição de importações, e como esse processo foi criticamente interpretado por Celso Furtado.

O Gráfico 3 também destaca o quão difícil é se juntar ao centro — representado esquematicamente pela ultrapassagem do limiar que divide o grupo de países do centro para o grupo dos principais países periféricos — apenas a Coreia do Sul e Taiwan foram capazes de fazer isso no período pós-guerra. A ideia dinâmica representada no Gráfico 3 é que a superação do subdesenvolvimento é um alvo em movimento — os países desenvolvidos, com as suas posições de liderança em ciência e tecnologia, sempre ampliam as fronteiras do centro capitalista.

Gráfico 3. Organização especial da produção científica e tecnológica de diferentes regiões periféricas, e os limiares entre esses três grupos de países entre 1974 e 2012



14. Os países foram selecionados por região da seguinte forma: 1) Ásia: Coreia do Sul, Taiwan, Malásia, Filipinas, Indonésia e Tailândia; 2) MENA: Egito, Jordânia, Kuwait, Marrocos, Catar, Arábia Saudita, Tunísia e Emirados Árabes Unidos (EAU); 3) Índia, China e Irã; 4) América Latina: México, Argentina, Costa Rica e Brasil; 5) África Subsaariana: África do Sul, Nigéria e Uganda.

- **Ásia**
- **MENA**
- **Índia, China e Irã**
- **América Latina**
- **África Subsaariana**

Fonte: USPTO e ISI. Elaboração própria.¹⁴

Os gráficos 2 e 3 também introduzem uma discussão sobre a relevância de uma divisão centro-periferia no final do século XX: apesar do progresso alcançado pelos países periféricos líderes, eles estão ainda muito aquém do centro, mostrando que o *catch up* é um processo difícil (THE ECONOMIST, 13/09/2014). Existem outras formas para explicar como a divisão de centro-periferia ainda é importante, e como ela é permanentemente reformulada pelas mudanças que afetam ambos os lados dessa divisão.

Ester Santos (2014) investigou as mudanças na divisão internacional do trabalho e como isso afetou os fluxos de transferência de tecnologia: a liderança dos países no centro é preservada, enquanto as rendas relacionadas à tecnologia aumentaram ao longo do tempo.

Jefferson (2007), investigando a terceirização de P&D, sugere que os movimentos relacionados a redes de produção e inovação globais (GPNs e GINs) apenas reformularam a divisão internacional do trabalho, preservando as hierarquias tecnológicas. Segundo ele:

Assim como o fenômeno de terceirização de P&D e investimento estrangeiro direto (FDI) levam a efeitos secundários que induzem firmas chinesas a estabelecer operações

rudimentares, o mesmo padrão de terceirização está também motivando os Estados Unidos a outras empresas multinacionais da OECD a atualizar e diversificar suas operações de P&D para manter o controle sobre o desenvolvimento e implantação de tecnologias cruciais. (JEFFERSON, 2007, p. 213)

A UNCTAD (2013) investiga um fenômeno importante na atual fase de globalização — *global value chains* (GVCs) — que pode ser visto também como uma expressão da dinâmica de mudanças na divisão internacional do trabalho: por um lado, as habilidades de produção estão espalhadas por vários países na periferia — países não mais agrários —, por outro lado, a revolução nas tecnologias de informação e comunicação (ICTs) permite que as empresas no centro coordenem seu processo de produção se espalhando por esses países e continentes diferentes. Nas GVCs as hierarquias de todo o processo — a inovação, *design* e produção — são muito claras.

Em suma, embora reformulada, renovada, e dentro de uma nova divisão internacional do trabalho, a divisão de centro-periferia sobrevive — hierarquias são preservadas e redefinidas.

Em uma fase atual — na periodização de Callinicos, após o fim da Guerra Fria (pós-1991) — pelo menos três novas alterações importantes podem ser vistas claramente.

Em primeiro lugar, o fim da URSS, em si, criou uma nova variedade de capitalismo, o “capitalismo patrimonial” de acordo com King *et al.* (2005) — em uma trajetória que pode estar se tornando mais uma variedade periférica.¹⁵ A natureza econômica da Rússia capitalista é certamente muito complexa, mas de acordo com nossos dados, agora, a Rússia poderia ser parte da periferia (no Gráfico 2, a Rússia estaria no mesmo subgrupo de Brasil, Índia e África do Sul: 2B).

Em segundo lugar, o surgimento de empresas transnacionais com sede na periferia (UNCTAD, 2006; SILVA, 2014).

Em terceiro lugar, um aumento do PIB de países periféricos, como China, Índia, Brasil, Rússia, chegando a um nível que faz com que o *Financial Times* (GAVIN; FRAY, 08/10/2014) proclame um “novo G7” (China, Índia, Rússia, Brasil, Indonésia, México e Turquia), que ultrapassa o “velho G7” segundo a soma dos PIB (critério PPP — *purchasing power parity*). Há enormes controvérsias em relação ao significado das medidas de PPP. A referência a esta proclamação do *Financial Times* é apenas para sublinhar que uma mudança tectônica está se formando. Mesmo em termos de PPP, há dez anos, o “velho G7” manteve uma

15. O fim da URSS mostra o fracasso de uma das três formas de acesso a civilização industrial discutida por Furtado (1978, p. 44-45). As outras duas foram o Japão (bem sucedido, p. 43-44) e a América Latina (a indireta). A China é vista como um caso especial (*Ibid.*, p. 111) e desde as reformas de 1970, isso pode ser investigado como outra — nova? — forma de acesso à “civilização industrial”.

liderança segura. O ponto aqui é que o tamanho importa e isso pode ser identificado olhando para o que aconteceu após a crise de 2007-2008: houve uma conjuntura internacional com uma “recuperação a duas velocidades” (BANK FOR INTERNATIONAL SETTLEMENTS, 2012, p 1) — a recuperação da economia global foi, como nunca antes, dependente dos níveis de crescimento do “Sul global”. Isso pode ser um indício de mudanças mais amplas (UNDP, 2013).

3. Como a periferia afeta a atual reconfiguração do capitalismo global

Após a identificação das mudanças de longo prazo dentro da periferia, há uma importante questão preliminar: a divisão de centro-periferia, como elaborada por Celso Furtado, faz sentido hoje?

A resposta positiva é sustentada por três argumentos básicos.

Em primeiro lugar, como a avaliação do Gráfico 2 na seção 2 sugere, é necessário levar em conta a dinâmica do capitalismo no centro: revoluções tecnológicas renovam a liderança tecnológica e científica, criam novas disparidades entre países líderes e o resto, e apresentam novos desafios para retardatários — estes podem, eventualmente, ser bem sucedidos na inserção em paradigmas tecnológicos existentes, mas à medida que novas revoluções tecnológicas ocorrem, eles podem mais uma vez ser retardatários, agora para o paradigma tecnológico recém-criado. Portanto, um novo processo de *catch up* deve ocorrer. Em segundo lugar, a dinâmica do capitalismo no centro adiciona novos problemas aos países da periferia para gerar mudança tecnológica endógena. Há revoluções tecnológicas no centro e também novas características estruturais do capitalismo global que podem agregar desafios para os países periféricos, como as redes internacionais de produção e inovação. Em terceiro lugar, com base na dinâmica explicada acima, as hierarquias são preservadas e renovadas — provavelmente a questão mais importante pode ser a divisão internacional do trabalho e suas persistentes mudanças: quem define essa divisão do trabalho? Quais países moldam a mudança da divisão internacional do trabalho e quais países têm de tomar isso como dado e tentar posteriormente se adaptar a ela? Até mesmo o surgimento de multinacionais com sede nos países periféricos mostra como a natureza hierárquica da divisão centro-periferia é refeita: Leandro Silva (2014) mostrou como a natureza das transnacionais está profundamente relacionada com o estágio de formação de sistemas de inovação de seus países. Portanto, o nível de maturação dos sistemas de inovação (resumidos nos gráficos 1 e 2) é uma forte restrição

ao âmbito de aplicação, sofisticação tecnológica e alcance das empresas transnacionais do sul.

Em quarto lugar, a dinâmica global do capitalismo nas últimas décadas incluiu mais países da periferia — Rússia após o fim da URSS é um recém-chegado a este grupo. De acordo com nossos dados, a Rússia está no sub-grupo 2B do Gráfico 2.

Uma vez que esse centro-periferia requalificado ainda é uma característica fundamental do capitalismo global, a questão agora é como essa periferia tão transformada — mais heterogênea, maior, com recursos sofisticados acumulados — impacta a dinâmica no centro do sistema?

A dimensão econômica das questões periféricas, o peso das economias periféricas (sua participação no produto mundial bruto) impacta mais intensamente na dinâmica global do sistema — para o bem ou para o mal. Na recente fase de pós-crise, a periferia era uma importante fonte de vitalidade. Tanto em termos gerais, de acordo com a abordagem da “recuperação de duas velocidades”, e em termos mais específicos, o lucro de algumas corporações transnacionais no sul global foi importante para equilibrar suas contas. Esta é uma diferença importante *vis-à-vis* a conjuntura pós-1929.

Como visto na seção 1, a expansão internacional do capital, um capitalismo mais global, tem menos “regiões não capitalistas” como corolário. Isso muda a dinâmica global do sistema, como a competição entre capitais agora ocorre em quase toda parte. Como a concorrência entre os capitais individuais ocorre globalmente, não há mais “regiões estrangeiras” que possam funcionar como escape de um excesso de competição interna — esses capitais enfrentariam competidores em praticamente qualquer região do planeta. Portanto, essa mudança pode dificultar o funcionamento de regiões no exterior como contratendência à queda da taxa de lucro. Nesse sentido, não há saídas sem o enfrentamento de competidores para o capital excedente interno — a saída para um capital pode ser o território de outro capital. Logo, novos padrões de competição capitalista global podem surgir.

A proliferação de um mosaico de novos núcleos de acumulação capitalista — e novas variedades de capitalismo —, mais disperso agora do que antes, também contribui para a formação de um novo padrão de concorrência global. Capitais competindo em todos os continentes, com interesses específicos relacionados a sua acumulação lógica — que podem definir um quadro internacional mais instável e volátil: isto pode ser outra fonte de incompatibilidade institucional, como discutido na seção 1.

A combinação de expansão do capital com a inclusão de mais países, diretamente sob a rede de mercados globais, cria um mercado de trabalho global (FREEMAN, 2007). A inclusão de trabalhadores indianos, chineses e russos neste mercado global — a “duplicação do mercado de trabalho global”, de acordo com Freeman (2007) — afeta as condições de trabalho em todos os lugares, incluindo os EUA e Europa. Este mercado de trabalho global também é relevante em áreas sofisticadas, como ciência e campos da engenharia — redes de inovação globais envolvem cientistas e engenheiros disponíveis nos países periféricos (ERNST, 2006).

A industrialização de parte da periferia, o capital acumulado nesses países, embora dentro dos limites estruturais determinados pela condição de subdesenvolvimento, foi capaz de empurrar o capital nacional além de suas fronteiras com a criação de empresas transnacionais. As corporações transnacionais com sede no sul têm impacto sobre o centro, ilustrado pelos casos de uma empresa chinesa (Lenovo), que comprou um setor de uma empresa americana (IBM — setor de computadores portáteis) em 2005 (THE ECONOMIST, 12/01/2013), e de uma empresa indiana (Tata), que adquiriu uma empresa britânica (Jaguar) em junho de 2008 (BAJAJ, 2012). Embora a importância econômica e política desse novo fenômeno deva ser mais investigada, ao menos pode se dizer que essa característica também altera a natureza da concorrência capitalista.

Essas mudanças indicam uma série de novos recursos da economia global atual: a dinâmica ainda é amplamente definida no centro, mas com uma determinação menos unidirecional. Certamente esse papel mais poderoso da periferia é um novo recurso do capitalismo global — o “efeito bumerangue” está em operação (MARQUES, 2014).

4. Considerações finais: mudanças na divisão centro-periferia

As seções anteriores mostram como a periferia mudou ao longo do tempo: maior tamanho e riqueza bruta, industrialização limitada, formação de sistemas de inovação — embora ainda imaturo —, um mosaico de variedades do capitalismo periférico com diferentes combinações de polaridade modernização-marginalização, e um crescente grupo heterogêneo de países. Mas todos preservam duas características definidoras do subdesenvolvimento: a falta de dinâmica tecnológica endógena e a enorme desigualdade social. *Metamorfoses do capitalismo* (FURTADO, 2002) faz e refaz a divisão centro-periferia: uma divisão dinâmica e

mutável, como tudo mais no capitalismo. Em suma: periferia hoje não é mais um conjunto de países agrícolas, inclui países que produzem aviões e programas de *software* sofisticados. O limiar de movimento apresentado no Gráfico 2 pode ser apenas uma forma de ilustrar essa divisão em modificação.

O capitalismo, portanto, é ainda definido por essa divisão — que aponta para a importância e permanência da maior contribuição de Celso Furtado.

A divisão centro-periferia mudou porque hoje a periferia é potencialmente mais influente do que antes — ela importa, dado o seu tamanho, suas maiores capacidades tecnológicas e as capacidades de absorção que aceleram a transferência de tecnologia, as formas variadas em que podem ser conectadas ao centro (resultado da crescente sofisticação dos sistemas de inovação periféricos).

A divisão centro-periferia mudou porque agora as desigualdades — aumento dos níveis de desigualdade — não são mais um problema específico de países periféricos. Piketty (2014) demonstrou que esse aumento da desigualdade e do nível alcançado ocorre também em países como EUA, França e Reino Unido. O processo de globalização introduziu um novo problema relacionado com a migração para o centro. Hoje, existem “100 milhões de migrantes que trabalham no exterior”, com as suas famílias, um total estimado de “214 milhões de migrantes internacionais” (LEIGHTON, 2015). Qual é o status de 11 milhões de imigrantes sem documentação nos EUA (GONCHAR, 2014), dada a falta de direitos dos eleitores, problemas para se juntar a sindicatos e implementar um conjunto completo dos direitos dos cidadãos, que vivem sob a ameaça de deportação? Isso pode indicar que, hoje, os países do centro estão assumindo características que antes eram típicas dos países periféricos — e isso foi apontado por Celso Furtado (2002, p. 2): nessa nova fase, “exclusão social” torna-se o principal problema em “sociedades de pobres e ricos”.

Uma nova característica da divisão centro-periferia, consequência da importância do tamanho das economias periféricas, é que um país periférico — China — pode ser em 2020 o maior PIB do mundo. Isto pode ter implicações para a dinâmica global do capitalismo. Por exemplo, a China se tornará o PIB maior, mas ainda é (e provavelmente continuará a ser no futuro próximo) uma nação pobre, de acordo com dados relativos ao PIB *per capita*. Esse descompasso pode ser um elemento de novas características da nova fase emergente do capitalismo: a maior economia do mundo não é um líder tecnológico ou científico, a maior economia não é o laboratório do mundo. Mas a China é grande o suficiente para empurrar uma “mudança tectônica” na economia global (NIC, 2012), para exigir uma reacomodação estratégica na ordem internacional (KISSINGER, 2014). O resultado desse

descompasso pode levar a uma eventual “definição experimental e provisória” da transição hegemônica atual: a “relação simbiótica” entre os Estados Unidos e a China — um impasse negociado? Nesta “relação simbiótica” tanto os Estados Unidos como a China assumem sua dependência mútua, mas os elementos da divisão centro-periferia podem continuar lá: a China está pronta para a posição de liderança no PIB, mas os Estados Unidos mantêm um PIB *per capita* cinco vezes maior; a China é a oficina do mundo, mas os Estados Unidos são o laboratório do mundo; a China tem as maiores reservas mundiais, mas essas reservas estão em títulos do governo dos Estados Unidos e dólares. Essa “relação simbiótica”, sendo uma simbiose por meio da divisão de centro-periferia, seria em si uma característica muito específica e exclusiva da transição hegemônica atual.

A mudança mais evidente na divisão centro-periferia está relacionada ao nível de capacidades tecnológicas e científicas necessárias para superar o subdesenvolvimento: a periferia é muito mais sofisticada do que era trinta ou cem anos atrás, mas ainda é uma periferia. No entanto, essa característica tem consequência para o centro também e devem ser feitos novos esforços para preservar o papel de liderança em ciência e tecnologia.

E, finalmente, a maior oportunidade na divisão centro-periferia é o “efeito bumerangue” (MARQUES, 2014): a periferia tem poder suficiente para influenciar a dinâmica no centro, como a seção 3 descreve — apesar de não ter poder suficiente para se juntar ao centro.

Esse diagnóstico sobre a persistência e as alterações da divisão centro-periferia é uma avaliação de um limite importante para o capitalismo global: esse sistema não é capaz de superar essa divisão. Pelo contrário, como este capítulo discute, ele reformulou e redefiniu essa divisão crítica.

Essa característica específica do capitalismo global — a renovação da divisão centro-periferia — adiciona um problema para a agenda pós-crise.

A metamorfose atual do capitalismo está levando a uma maior exclusão social (ambos no centro e na periferia) e para uma “maior concentração de renda” (FURTADO, 2002, p. 6). Existe essa incapacidade histórica do capitalismo e suas metamorfoses de superar essa divisão de centro-periferia, que invoca uma questão política. A velha questão de Celso Furtado (1987): para se conformar ou reformar?

Aqueles que não querem se conformar podem ver outra razão pela qual é necessária a elaboração de uma alternativa global ao capitalismo. Mais uma vez um

tema que não é desconhecido para Celso Furtado, um crítico do capitalismo no centro — entre outros motivos, porque a orientação do progresso tecnológico nas sociedades capitalistas corre contra a criatividade (FURTADO, 1978, p 77). Portanto, é necessária uma agenda internacional para a reforma mundial — uma elaboração coletiva e internacional. Entretanto, dois temas da tentativa de uma agenda podem ser apresentados: em primeiro lugar, um passo para a cidadania global — o direito democrático de liberdade de movimento —, segundo, novas instituições globais — para superar a pobreza, organizar um sistema de bem-estar global, coordenar o sistema de inovação global e reorientar a economia com mudanças tecnológicas de baixo consumo de carbono.

§

Referências

- ACHCAR, G. *The people want: a radical exploration of the Arab uprising*. London: Saqi Books, 2013.
- ALBRITTON, R.; ITOH, M.; WESTRA, R.; ZUEGE, A. (Eds.). *Phases of capitalist development: booms, crises and globalization*. New York: Palgrave, 2001.
- ALBUQUERQUE, E. Inadequacy of technology and innovation systems at the periphery. In: *Cambridge Journal of Economics*, vol. 31, 2007, p. 669-690.
- _____. *Agenda Rosdolsky*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2012.
- AMSDEN, A. *Asia's next giant: South Korea and late industrialization*. New York/Oxford: Oxford University, 1989.
- _____. *The rise of "the rest": challenges to the West from late-industrializing economies*. Oxford: Oxford University, 2001.
- ARRIGHI, G. [1994]. *O longo século XX: dinheiro, poder e as origens do nosso tempo*. Rio de Janeiro/São Paulo: Contraponto/Unesp, 1996.
- BAJAJ, V. Tata Motors Finds Success in Jaguar Land Rover. *The New York Times*, New York, 30/08/2012.
- BANK FOR INTERNATIONAL SETTLEMENTS. 82th Annual Report. Basileia: BIS. (2012). Disponível em: www.bis.org.
- BUKHARIN, N. [1917]. *A economia mundial e o imperialismo*. Cap. 4. São Paulo: Nova Cultural, 1986.
- CALLINICOS, A. *Imperialism and global political economy*. Londres: Polity, 2009.
- COATES, D. *Models of capitalism*. Cambridge: Polity Press, 2000.
- DARWIN, J. *After Tamerlane: the rise and fall of global empire, 1400-2000*. Londres: Penguin, 2007.
- DRÈZE, J.; SEN, A. *India: development and participation*. Oxford: Oxford University, 2002.
- DUNNING, J. *Multinational enterprise and the global economy*. Alderhot: Edward Elgar, 1994.
- ERNST, D. *Innovation offshoring: Asia's emerging role in Global Innovation Networks*. Honolulu: East-West Center, 2006.
- FERGUSON, N. *Empire*. New York: Penguin, 2003.
- FINE, B.; RUSTOMJEE, Z. *The political economy of South Africa: from minerals-energy complex to industrialisation*. Londres: Westview, 1996.
- FREEMAN, C. The "National System of Innovation" in historical perspective. In: *Cambridge Journal of Economics*, vol. 19, n. 1, 1995, p. 5-24.
- FREEMAN, C.; LOUÇÃ, F. *As time goes by: from the industrial revolutions and to the information revolution*. Oxford: Oxford University, 2001.
- FREEMAN, R. The challenge of the growing globalization of labor markets to economic and social policy. In: PAUS, E. (Ed.). *Global capitalism unbound: winners and losers from offshore outsourcing*. New York: PalgraveMacmillan, 2007, p. 23-39.
- FURTADO, C. *Um projeto para o Brasil*. Rio de Janeiro: Saga, 1968.
- _____. *Economic Development of Latin America: historical background and contemporary problems*. Cambridge: Cambridge University Press, 1970.
- _____. *Criatividade e dependência na civilização industrial*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- _____. *Teoria e política do desenvolvimento econômico*. 2ª Ed. São Paulo: Nova Cultural, 1986.
- _____. Underdevelopment: to conform or to reform. In: MEIER, G. (Ed.). *Pioneers of development*. Second Series. Oxford: Oxford University/World Bank, 1987.
- _____. *Brasil: a construção interrompida*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.
- _____. *Metamorfoses do Capitalismo*. Rio de Janeiro: Discurso na Universidade Federal do Rio de Janeiro no recebimento do título de Doutor Honoris Causa, 2002. Disponível em: <http://www.redcelsofurtado.edu.mx>. Acesso em: 15/09/2011.
- GAVIN, J.; FRAY, K. The "new G7" takes the lead. *Financial Times*, 8/10/2014.
- GERSCHENKRON, A. [1952] *Economic backwardness in historical perspective*. Cambridge: Harvard University, 1962.
- GONCHAR, M. Should Millions of Undocumented Immigrants Be Allowed to Live in the U.S. Without Fear of Getting Deported? *The New York Times*, New York, 20/11/2014.
- JEFFERSON, G. H. The impact of foreign investment in China's industrial innovation. In: PAUS, E. (Ed.). *Global capitalism unbound: winners and losers from offshore outsourcing*. New York: Palgrave Macmillan, 2007, p. 197-214.
- JESSOP, B. *The future of the capitalist state*. Cambridge/New York: Polity Press, 2002.
- _____. What follows neoliberalism? The deepening contradictions of US domination and the struggle for a new global order. In: ALBRITTON, R., JESSOP, B.; WESTRA, R. *Political economy and global capitalism*. London: Anthem Press, 2010.
- KING, L. P.; SZELÉNYI, I. Post-communist economic systems. In: SMELSER, N.; SWEDBERG, R. (Ed.). *The handbook of economic sociology*. 2ª Ed. Princeton/New York: Princeton University Press/Russel Sage Foundation, 2005, p. 205-229.
- KISSINGER, H. *World order: reflections on the character of nations and the course of history*. Londres: Allen Lane, 2014.
- KRUSS, G.; LEE, K.; SUZIGAN, W.; ALBUQUERQUE, E. (2015). Introduction. In: ALBUQUERQUE, E.; SUZIGAN, W.; KRUSS, G.; LEE, K. *Developing National Systems of Innovation: university-industry interactions in the Global South*. Cheltenham: Edward Elgar, p. 1-27.
- LEIGHTON, M. Decent work, migration and development. Genebra: ILO, 2015. Disponível em: http://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---dgreports/---nylo/documents/genericdocument/wcms_215511.pdf.
- LIST, F. [1841] *Sistema nacional de economia política*. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- LUXEMBURGO, R. [1912] *A acumulação de capital*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.
- MANDEL, E. [1972] *O capitalismo tardio*. São Paulo: Abril Cultural, 1982.
- MARQUES, S. Mudanças na clivagem centro-periferia e o efeito bumerangue: o impacto da periferia na reconfiguração sistêmica do capitalismo no século XX, 2014. Tese (Doutorado) — Cedeplar-UFMG, Belo Horizonte, 2014.
- MINSKY, H. [1986]. *Stabilizing an unstable economy*. New York: McGrall Hill, 2008.
- NAUGHTON, B. *The chinese economy: transitions and growth*. Cambridge/Londres: The MIT Press, 2007.
- NIC - NATIONAL INTELLIGENCE COUNCIL. *Global trends 2030: alternative words*, 2012. (www.dni.gov/nic/globaltrends).
- OHKAWA, K.; KOHAMA, H. *Lectures on developing economics: Japan's experience and its relevance*. Tóquio: University of Tokyo, 1989.

- PANITCH, L.; GINDIN, S. *The making of global capitalism: the political economy of American empire*. Londres: Verso, 2012.
- PIKETTY, T. [2013] *Capital in the Twenty-First Century*. Cambridge/Londres: The Belknap Press of Harvard University Press, 2014.
- PREOBRAJENSKY, E. [1926] *A nova econômica*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- RIBEIRO, L. C.; RUIZ, R. M.; BERNARDES, A. T.; ALBUQUERQUE, E. M. Science in the developing world: running twice as fast? *In: Computing in Science and Engineering*, vol. 8, p. 81-87, July 2006.
- SANTOS, E. *Fluxos internacionais de tecnologia e a divisão internacional do trabalho: uma abordagem evolucionária*, 2014. Tese (Doutorado) — Cedeplar-UFMG, Belo Horizonte, 2014.
- SCHUMPETER, J. [1939]. *Business cycles: a theoretical, historical and statistical analysis of the capitalist process*. Philadelphia: Porcupine, 1989.
- SILVA, L. *Tensões e conexões: um estudo sobre multinacionais e sistemas nacionais de inovação*. 2014. Tese (Doutorado) — Cedeplar-UFMG, Belo Horizonte, 2014.
- SKOCPOL, T. *States and social revolutions: a comparative analysis of France, Russia, and China*. Cambridge: Cambridge University Press, 1979.
- SUZIGAN, W. Industrialização na visão de Celso Furtado. *In: BRESSER PEREIRA, L. C; REGO, J. M. (Org.). A Grande Esperança em Celso Furtado: Ensaios em homenagem aos seus 80 anos*. 1ª Ed. São Paulo: Editora 34, 2001, p. 127-138.
- SZMRECSÁNYI, T. The contributions of Celso Furtado (1920-2004) to development economics. *In: European Journal of the History of Economic Thought*, vol. 12, n. 4, 2005, p. 689-700.
- THE ECONOMIST. *From guard shack to global giant - How did Lenovo become the world's biggest computer company?* Londres, 12/01/2013.
- _____. *Economic convergence: the headwinds return*. Londres, 13/09/2014.
- TROTSKY, L. [1930] *A história da revolução russa*. vol. 1. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- UNCTAD. *World Investment Report 2006* — FDI from developing and transition economies: implications for development. Geneva: United Nations Conference on Trade and Development, 2006.
- _____. *World Investment Report 2013* — Global value chains: investment and trade for development. Geneva: United Nations Conference on Trade and Development, 2013.
- UNDP. Human Development Report 1999: Globalization with a human face. New York: UNDP, 1999. (www.undp.org).
- _____. Human Development Report 2007-2008: Fighting climate change — human solidarity in a divided world. New York: UNDP, 2007 (www.undp.org).
- _____. Human Development Report 2013: The rise of the South — human progress in a diverse world. New York: UNDP, 2013 (www.undp.org).
- WADE, R. *Governing the market: economy theory and the role of government in East Asian industrialization*. Princeton: Princeton University, 1990.